

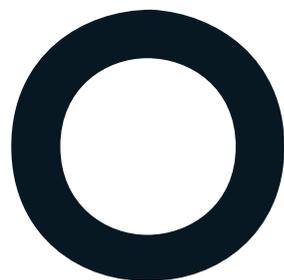
Para encurtar a distância até a maternidade e promover encontros, uma instituição em Interlagos, bairro de São Paulo, oferece acolhimento, afeto, informação e escuta a gestantes e puérperas que vivem em Parelheiros, região que fica a duas horas de lá, no extremo sul da maior metrópole do país

NO MEIO do caminho tem UMA CASA

TEXTO – Anita Pompeu | FOTOS – Helena Wolfenson



LETÍCIA BARBOSA E MICHEL SEMPRE VISITAM OS FUNCIONÁRIOS DA CASA: "VIRAMOS AMIGOS", DIZ ELA



“O que é nacionalidade?” pergunta a puérpera (mulher no período pós-parto) de 15 anos, sentada na cama do Hospital e Maternidade Interlagos, bairro da Zona Sul da cidade de São Paulo, antes de preencher “brasileira” no campo em branco da Licença de Uso de Imagem, termo que autoriza a eventual publicação de sua foto. A adolescente é uma das mais de 400 mulheres que dão à luz todo mês naquela maternidade do Estado. Ali, no quarto, ela está ao lado da filha, nascida dois dias antes, de outras duas recém-mães e também de uma janela, de onde se vê uma casa que divide o muro com a maternidade – e de onde é possível escutar o choro dos recém-nascidos. “Era aqui que a gente queria construir o nosso túnel”, brinca a socióloga Vera Lion, apontando para a parede, no ponto que seria o mais próximo entre a tal casa, onde Vera tem uma atuação central, e a maternidade.

A casa em questão atende pelo autoexplicativo nome Casa do Meio do Caminho, por atuar como um espaço de solidariedade, carinho e afeto para mães, principalmente as que vivem distante dali, nos períodos pré e pós-parto. Inaugurada em janeiro de 2019, ela faz parte do Centro de Excelência da Primeira Infância, projeto criado em 2017 pela ONG Ibeac (Instituto Brasileiro de Estudos e Apoio Comunitário), em Parelheiros, distrito no extremo sul da cidade de São Paulo, com o maior índice de gravidez precoce (19 anos ou menos): 17,06% (a média da cidade é de 9,43%), segundo a Secretaria Municipal de Saúde.

“A Casa surgiu para dar apoio às



IVÂNIA SOUZA, COM HELOÍSA, 9 MESES, FREQUENTOU A CASA QUANDO A BEBÊ NASCEU PREMATURA

gestantes de Parelheiros, que moram a cerca de duas horas desta que é a maternidade referência da região. Nesse projeto, do qual a Casa faz parte, a gente cuida da primeira infância, mas desde a barriga, e buscando sempre a excelência, o que tem de melhor”, explica Vera, coordenadora do Ibeac e do Centro de Excelência da Primeira Infância.

Enfermeira e parceira de Vera na coordenação do projeto, Flávia Kolchraiber explica que a Casa nasceu de uma demanda da própria comunidade por um espaço que resolvesse de alguma forma a questão da distância da maternidade, já que, literalmente, no meio do caminho acontecia de tudo: bebês dando o primeiro choro no ônibus e às vezes, diante de tanta adversidade, não resistindo.

A casa nasceu da demanda da própria comunidade por um espaço que resolvesse a questão da distância da maternidade



ACIMA: LYGIA DE SOUZA, NA QUARTA GESTAÇÃO, CONHECEU A CASA DO MEIO RECENTEMENTE E SE DIZ SEGURA PARA O PRÓXIMO PARTO, CASO PRECISE DE APOIO



AO LADO: VERA LION, COORDENADORA DO IBEAC (INSTITUTO BRASILEIRO DE ESTUDOS E APOIO COMUNITÁRIO) E DO CENTRO DE EXCELÊNCIA DA PRIMEIRA INFÂNCIA

Desde a inauguração, em janeiro de 2019, a Casa já recebeu **928 PESSOAS: 347 GESTANTES E PUÉRPERAS, 168 ACOMPANHANTES, 413 PROFISSIONAIS DA SAÚDE** e interessados em conhecer a Casa e o projeto

Embora tenha surgido para acolher e dar apoio às mães da região de Parelheiros, a Casa do Meio do Caminho é aberta – 24 horas – e receptiva a todas que precisem daquele espaço de descanso, troca, informação, cuidado e escuta. Muitas, inclusive, ficam sabendo de sua existência na própria maternidade, grande parceira do projeto. “A gente tem uma gestora, a ginecologista e obstetra Rita Calabrese, que apoia e incentiva essa parceria, rara na área da saúde. Por isso, trabalhamos com as nossas equipes para esclarecer que o serviço que a Casa presta não é de saúde, e sim de solidariedade, e que não somos concorrentes, somos parceiras nesse projeto de fortalecimento do cuidado materno-infantil, em que cada um entende muito bem seus limites de atuação”, explica a enfermeira Daniela Dias Chead, do Hospital e Maternidade Interlagos (SP), especialista em saúde da criança. A dona de casa Letícia Barbosa, 25 anos, soube do serviço ainda no hospital: “Minhas filhas gêmeas, Mirella e Milenna, 4 meses, nasceram de 36 semanas. Uma delas precisou ficar

internada para ganhar peso. Foi assim que conheci a Casa. Fiquei lá para poder amamentar as duas”, lembra.

Logo quando abriu as portas, a Casa chegava a assustar as pessoas. Assustar? Talvez intimidar seja a melhor palavra: “Já teve mãe que contou que não veio aqui antes porque imaginava um lugar cheio de beliches, como nos albergues públicos”, conta a educadora social Suely Nunes de Oliveira, enquanto mostra um dos dormitórios, com duas camas

Acolhimento e descanso

“Já sabia que uma nova gravidez seria de risco, porque tive trombose na última. Mas aí eu conheci o Cláudio, era o sonho dele, e também se tornou o meu. Nas primeiras semanas, tive pressão alta, e, com 22, trombose. A partir daí, precisei fazer o pré-natal no ambulatório de alto risco, onde fiquei sabendo da Casa. Tempos depois, tive dois exames para fazer no mesmo dia, de manhã e à tarde, lembrei dela, e resolvi conhecer. Fui me arrastando, bem devagarinho, muito cansada e com dor. Até que cheguei e foi uma bênção. Fui acolhida desde o portão, me deram café da manhã e me fizeram ficar à vontade, se quisesse tomar um banho e dormir antes da próxima consulta. E eu dormi... e dormi muito. Lembro que quando acordei, estava muito melhor. A partir daí, a Casa entrou para a minha vida.”

MIRIÃ FARIAS, 40 anos, mãe de GABRIEL HENRIQUE, 7 meses, de outras quatro filhas, e avó de duas meninas



DA ESQUERDA PARA A DIREITA: IVÂNIA COM HELOÍSA; MIRIÃ COM GABRIEL; LETÍCIA COM AS GÊMEAS, MIRELLA E MILENNA - TODOS NA SALA DE LEITURA, UM DOS ESPAÇOS PREFERIDOS DA CASA

OS PAIS TAMBÉM TÊM VEZ: CLÁUDIO COM GABRIEL; MICHEL COM MIRELLA E MILENNA; NELSON COM HELOÍSA



São diferentes histórias, motivos e contextos que as levam àquele espaço. Algumas chegam em busca de um lanche, uma conversa, um escalda pés...

de solteiro, luz natural, cortina na janela, enfeites e poltrona de amamentação.

A conselheira tutelar Ivânia Souza, 41, era uma das que desconfiavam da Casa: “Achava que seria um lugar sujo e bagunçado. Quando a gente pensa num serviço gratuito, infelizmente, logo vem à mente algo desorganizado com gente mal-humorada atendendo”, diz. Ela recorreu ao serviço quando a filha, Heloísa, 9 meses, nasceu prematura e precisou ficar internada. “Me senti acolhida, fui muito bem tratada”, conta.

Para sorte e deleite de quem precisa, o ambiente é diferente do que a maioria imagina: bem cuidado, iluminado, organizado, limpo e equipado, com bastante espaço – quintal na frente e atrás, com direito a horta e composteira (sistema de reciclagem de lixo orgânico), limoeiro com frutos e paredes desenha-

das – o espaço já recebeu, desde que foi inaugurado, 347 gestantes e puérperas. Mães que buscam e precisam ser cuidadas, escutadas e amparadas sobre as dores e as delícias da maternidade.

DE PORTAS ABERTAS

São diferentes histórias, motivos e contextos que as levam àquele espaço. Algumas chegam em busca de um lanche (a sopa de lá, fruto de outro projeto parceiro, é famosa entre os frequentadores por tanto sabor), uma conversa ou mesmo um escalda pés, depois de uma consulta no ambulatório parceiro, que, ali pertinho também, atende gestações de alto risco. Outras contam com o apoio nas horas de trabalho de parto, até atingir a dilatação necessária. “Isso evita que a futura mãe tenha de voltar para casa até conseguir dilatar mais para ter o bebê. Já espera aqui mesmo, sem os riscos do deslocamento”, explica Vera. Nesses casos, as parturientes podem receber cuidados como massagem, exercícios na bola de pilates ou sessões de auriculopuntura, técnica da medicina chinesa para aliviar ansiedade, estresse e provocar sensação de bem-estar.

Já nos casos de internação do recém-nascido, a Casa vira a moradia temporária daquela mãe, que não só precisa amamentar o filho, como quer estar fisicamente próxima dele. Nesses casos, ela e seu acompanhante chegam a passar dias hospedados até o bebê receber alta – isso quando o desfecho é feliz. Yanelis Peña, educadora social cubana que mora na casa (possibilitando o atendimento 24 horas), lembra que uma mãe já chegou a ficar 22 dias hospedada, embora a média seja de seis a dez.

Nas paredes de quase todos os cômodos – são dois dormitórios, uma cozinha e duas salas –, leem-se frases com letras grandes, escritas à mão. Como se estivessem flutuando, em um misto de mantra e decoração, elas foram extraídas de livros que marcaram ou se tornaram referência para as participantes do projeto. Afinal, a

Faz bem para todos

“Eu estava vivendo um processo de luto porque fazia alguns meses que eu tinha perdido um dos meus gêmeos, que nasceram com toxoplasmose congênita. Nesse período, para tentar sair da depressão, busquei um trabalho voluntário e foi aí que cheguei ao Centro de Excelência. Comecei frequentando as palestras e rodas de conversa, até que, no ano passado, me convidaram para ser uma mãe mobilizadora no meu bairro. Hoje, falo que o meu processo de cura para a depressão começou ali, porque história triste todo mundo tem... Mas eu posso somar a minha à sua e torná-la muito pior, ou a gente pode somar nossas forças, nossa luta, e fazer algo novo. E foi aí que percebi que, atuando para a Casa do Meio do Caminho, eu podia fazer algo diferente com a minha história. Tive uma gravidez não tão bem acompanhada, e agora, como mãe mobilizadora, posso cuidar de uma vizinha que está grávida, ter uma escuta afetiva, montar seu plano de parto... Enfim, dar o cuidado que não recebi.”

PATRÍCIA FERNANDES LUZ, 27 anos, mãe de HEITOR, 7 anos, e THIAGO, 4, e mãe mobilizadora do bairro Vargem Grande

leitura é uma atividade essencial ali e permeia todos os ambientes e atividades do Centro de Excelência.

Não por acaso, em vez de sala de TV – aliás, não há nenhuma na casa – a sala de leitura, com livros para crianças, adultos e sobre maternidade, é o cômodo mais frequentado. “É tudo tão bem cuidado que acontece de muita gente deixar de vir conhecer, com aquele pensamento: ‘não é possível que um lugar desses seja de graça’”, conta a educadora Suely.

Sim, de graça e cheio de boa vontade da turma que integra o projeto. O que se reflete no astral do lugar que, se em tese poderia ter algo de pesado – pelo contexto de carências de uma realidade socioeconômica precária –, tem algo de leve, tranquilo e pacífico. Tudo o que, afinal, a tal primeira infância deve ser.

Fruto de um convênio com a fundação holandesa Bernard Van Leer, a Casa do Meio do Caminho não cobra nada de suas frequentadoras e acompanhantes. Ela existe e se mantém ativa e pulsante, graças ao essencial apoio da fundação e à imprescindível atuação das

mães mobilizadoras. “A Casa é o que é e tem o impacto que tem porque existem essas mães que identificam, acolhem e cuidam da gestante, indo visitar na maternidade, orientando e, depois que os bebês nascem, indo acompanhar e se mantendo presente”, explica Vera.

OLHO NO OLHO

Afinal, para a Casa ter público e funcionar não basta, apenas, existir. É preciso que as mães de Parelheiros, a duas horas de lá, saibam dela, se abram para o projeto e queiram fazer parte. A dona de casa Lygia de Souza, 24 anos, está na quarta gravidez – de 22 semanas – e conheceu a Casa por acaso. Ela ficou mais tranquila, ao saber que poderá contar com o serviço, se precisar. “Tenho pressão alta e as minhas gestações foram de alto risco”, diz.

Para quem não tem a sorte de saber do espaço mesmo sem querer, como Lygia, entra em ação esse time de 13 mulheres, a maioria mães, moradoras de seis bairros do distrito de Parelheiros e que, em duplas ou trios, cumprem uma agenda de ações junto às moradoras do bairro.



LETÍCIA E MICHEL LANCHAM NA COZINHA DA CASA JUNTO COM AS FILHAS



DETALHE DE UM DOS QUARTOS: LIMPEZA, CONFORTO E AFETO

No boca a boca, via sugestão de uma amiga ou indicação de alguma Unidade Básica de Saúde (UBS) ou creche da região (também parceiras do projeto), elas chegam até essas “novas” mães para se apresentar, mapear, cadastrar e mostrar o portfólio de atividades oferecidas. Assim, nessa relação de vínculo e afeto que surge, e com o tempo se estabelece, as mães mobilizadoras tornam-se potentes meios de informação, atenção e troca.

De igual para igual, na mesma língua e livre de julgamentos, numa abordagem sem barreiras nem intimidação – mas com intimidade –, elas falam sobre plano de parto, amamentação, importância da alimentação saudável, cuidados com o recém-nascido, introdução alimentar e por aí vai. “Nas nossas visitas, elas se abrem, choram, contam as coisas. A gente tem um diálogo muito maior com aquelas mães, principalmente as adolescentes, que acabam se sentindo mais à vontade para se abrir com a gente”, conta Márcia Alves da Paz, uma das mães mobilizadoras, que atua no bairro Jardim Silveira.

Na prática, as “visitas olho no olho”, como são chamadas, são muito importantes porque cumprem diferentes

A leitura atua como um poderoso recurso de acesso a uma mãe mais fechada ou vivendo uma situação complexa

funções. Tornam-se sobretudo um pretexto para se saber mais sobre a situação daquela mãe, que pode, por exemplo, estar passando por uma depressão não diagnosticada, como ter um filho especial que ainda não recebe tratamento adequado. Nesses casos, elas repassam a informação aos agentes de saúde, ou outro profissional da rede de suporte, que direcionam para o tipo de atendimento necessário. Em poucas palavras: elas são os olhos daquela comunidade.

LÁ NA CASA

Mas a atuação dessas mães mobilizadoras não fica restrita aos bairros em que moram. Ela também acontece na

TIPOS DE PARTOS

- No Brasil, a taxa de cesáreas é de cerca de 83% na rede privada. No SUS, esse número é de 43,9%
- No estado de São Paulo, nas unidades estaduais a taxa está em torno de 43%. No Hospital e Maternidade Interlagos, esse índice é de cerca de 35%
- De janeiro a julho de 2019, o Hospital e Maternidade Interlagos trouxe 2.354 bebês ao mundo: 65% por partos vaginais e 35% por cesáreas

própria Casa do Meio do Caminho, onde participam de rodas de conversa, formação e atualização, como em visitas à maternidade vizinha, onde têm acesso livre para ver as parturientes que acompanham. Quase sempre utilizando também um artifício transformador, e que não tem preço: a leitura mediada, técnica em que o texto é lido em voz alta e as ilustrações mostradas, estimulando a imaginação.

Mais do que informar ou entreter, a prática não se faz ali presente por acaso. Ela atua como um poderoso recurso de acesso a uma mãe mais fechada ou vivendo uma situação complexa, como relata a mãe mobilizadora Thaís Pinheiro. “Acompanho uma mãe que simplesmente não conseguia desenvolver afeto pelos filhos. Um dia, propus introduzir a literatura na vida deles, e deixei alguns livros com ela. Quando voltei, ela contou que estava muito feliz, porque, durante a leitura, o mais velho encostou a cabeça no peito dela e dormiu. E que ali eles ficaram por um bom tempo, em um gesto, até então inédito, de afeto”. O mais precioso afeto. 📖